

ZEFE RINA

UMA CABALA BRASILEIRA

Eu quero amor feinho.
Amor feinho não olha um pro outro.
Uma vez encontrado é igual fé,
não teologa mais.
Duro de forte o amor feinho é magro,
doido por sexo
e filhos tem os quantos haja.
Tudo que não fala, faz.
Planta beijo de três cores ao redor da casa
e saudade roxa e branca,
da comum e da dobrada.
Amor feinho é bom porque não fica velho.
Cuida do essencial; o que brilha nos
olhos é o que é:
eu sou homem você é mulher.
Amor feinho não tem ilusão,
o que ele tem é esperança:
eu quero amor feinho.

Adélia Prado, em *Poesia reunida*

Dinah Lemos

ZEFE RINA

UMA CABALA BRASILEIRA



Editora Sulina

Copyright © Dinah Lemos, 2019
Capa: Letícia Lampert (sobre fotos de Wanderlei Oliveira)
Editoração: Vânia Möller
Revisão do original: Gustavo Carratte
Revisão: Vânia Möller

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

L557z

Lemos, Dinah
Zeferina: uma cabala brasileira / Dinah Lemos. – Porto Alegre:
Sulina, 2019.
440 p.

ISBN: 978-85-205-0836-7

1. Literatura Brasileira – Ensaios. 2. Ensaios Brasileiros. I.
Título.

CDU: 869.0(81)-4
CDD: B869.4

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.
Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana
CEP: 90620-100 – Porto Alegre, RS – Brasil

Tel: (0xx51) 3110-9801
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

[Fevereiro/2019]

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Sumário

Segundo jogo: introdução

- | | |
|----|---|
| 9 | O problema: carta para os cientistas |
| 18 | A solução: carta para os juristas |
| 28 | O caminho: carta para as mulheres e os homens da minha vida |

Primeiro jogo

Parte 1 – Início

- | | |
|-----|---|
| 41 | [1] A: Ir embora |
| 43 | [2] Carta um: o homem da vida |
| 49 | [3] I: Bom dia, Zeferina |
| 54 | [4] II: O pai-namorado |
| 59 | [5] Carta dois: o medo dos amigos |
| 65 | [6] III: O mal nasce bonito |
| 78 | [7] B: Abraços |
| 80 | [8] IV: Memórias proibidas |
| 88 | [9] Carta três: o ônibus do partidão |
| 98 | [10] V: O feminismo comum |
| 106 | [11] C: Supermãe |
| 108 | [12] Carta quatro: meninas inteligentes |
| 112 | [13] VI: Lugares dos grandes medos |
| 117 | [14] Carta cinco: silêncios na linguagem |
| 123 | [15] D: O pensamento escudo |
| 125 | [16] VII: Potências da escravidão |
| 131 | [17] VIII: Tempo e esquecimento |
| 136 | [18] Carta seis: Chica ou Nina |
| 143 | [19] IX: O fim do espaço público |
| 146 | [20] X: O inessencial |
| 151 | [21] Carta sete: encruzilhadas, idas e vindas |
| 158 | [22] XI: As artes e as ciências |
| 162 | [23] Carta oito: nomes e assinaturas |
| 169 | [24] E: Liberdade |
| 171 | [25] XII: O homo medo |
| 177 | [26] Carta nove: o evidente natural |
| 185 | [27] XIII: Cuidar |
| 189 | [28] F: Memórias resistentes |

Parte 2 – Entendimento

197	[29] Carta dez: vidências inexatas
204	[30] XIV: Tempos e tutelas
211	[31] Carta onze: tutelas do varão e do viril
221	[32] XV: Direito e entendimento
230	[33] XVI: Corpo híbrido e transpenélopes
234	[34] XVII: Ventre livre
244	[35] Carta doze: ingênuos sem registro
249	[36] XVIII: Despedida injusta
256	[37] XIX: Fracassos congênitos
264	[38] G: Princípio da proteção
267	[39] XX: O nascimento do escravo
274	[40] XXI: Recatadas e do partido
281	[41] Carta treze: Messalina
286	[42] Carta quatorze: cassandras
296	[43] Carta quinze: a escrava pensa
304	[44] XXII: Dilma
313	[45] H: O comunismo da vó

Parte 3 – Retorno

321	[46] I: Princípio da calma
325	[47] Carta dezesseis: costurar à mão
327	[48] XXIII: Para parar o trem
332	[49] Carta dezessete: vidência, linguagem e poder
338	[50] J: O fim do Mal
344	[51] XXIV: Alforrias
349	[52] Carta dezoito: sentidos das lógicas
358	[53] K: Altar doméstico
361	[54] XXV: Direito de ir e vir
378	[55] L: Ética e consistência
388	[56] Carta dezenove: senadoras
392	[57] M: Amizade e oração
396	[58] XXVI: O uso das armas
404	[59] N: Direito de pensar
411	[60] XXVII: Boa noite, Zeferina

Segundo jogo: epílogo

427	Sincronicidade e consistência
431	Referências

**Segundo jogo:
introdução**

O problema: carta para os cientistas

Quero ser Nietzsche

Em algum ponto, neste meu livro, escrevi que Deus, com “d” maiúsculo, era o pai de todos e que eu não era uma pessoa louca. Ainda afirmei: “O Deus (assim mesmo, com “o” e “d” maiúsculos) é pai e dono”. E mesmo depois de arroubos como esses, que normais cínicos chamariam de histriônicos e a mim de egocêntrica e megalomaníaca, ainda insisti – como se fora a encarnação perfeita de um personagem subalterno e melancólico de Kafka –, e escrevi: “Quero ser Qorpo Santo, Camus e Kafka”.

Qorpo Santo foi um autor de teatro absurdo, gaúcho de tempos antigos, e, de certo modo, esquizofrênico; Camus, um semi-deus de esquerda; e, por fim, o próprio, Kafka, outro semideus da grande literatura dos homens normais e/ou românticos, poéticos ou cínicos. A grande literatura e suas milenares genealogias, seus consagrados significados e objetos.

Comecei a escrever este livro quando estive em uma palestra de psicanalistas, em Porto Alegre, e uma mulher, jamais saberei quem era, entrou no enorme auditório da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul berrando de modo teatral, mas lúcido, tranquilo, como se discursasse: “eu sou a louca”. Eu era normal e, portanto, enxerguei-a como louca, e não gostei muito. Hoje, faria o mesmo gesto da atriz; a sua fantástica personagem deve ter sido efeito de uma vidência precursora da urgente necessidade atual das pessoas de dizer algo que faça sentido, ao menos para elas mesmas.

Estamos com medo de enlouquecer, ou de sobrar mudos em um mundo louco.

Homens pelos quais eu tenho consideração questionaram sobre minhas razões de começar meu livro de uma maneira “pouco engenhosa e nada atraente” (ainda que fosse um livro cheio de valores, sentidos e sentimentos importantes e nobres para muita gente bra-

sileira). Perguntaram por que, afinal de contas, eu não começara o livro de forma mais “mais razoável”, ou “criativa”, ou “inteligível”.

Por que eu estava arriscando ao ir por um caminho tão perigoso, sem enredos e cheio de teorias?

Foi quando houve o nascimento de representações, minhas, sobre o meu espírito trágico. Fui capaz de afirmar, e mais, afirmar alegre, esperançosa; olhei-me no espelho e disse: “quero ser Nietzsche, ponto”.

Esse era o tamanho exato do meu dilema, a ser, necessariamente, explicado aos cientistas deste meu tempo.

Audaciosa demais – abandonada e infeliz? – aquela paciente de uma terapia esquizoanalítica tentava dizer que louco era todo o mundo. Herdeira, resolvi entrar em cena reverberando uma inversão do “eu sou louca” que ouvi no tempo em que era preocupada só com a minha própria infelicidade: “Quero mesmo ser Nietzsche”, elaborei.

Logo depois, fui urgentemente imaginar uma defesa ao estilo de Samuel Beckett, no personagem servil e irônico da peça *Fim de jogo*, e pensei: “Respeitando as devidas proporções, claro – desculpe, obrigada, com licença, por favor”.

Se Deus, afinal de contas, não morreu, e mostra-se ao mundo como um julgador tirânico, com poder supremo jamais antes tão devastador; se a racionalidade, que o havia proscrito, afunda em um lamaçal de explicações irritadas, sem graça ou briguentas, mandonas e deselegantes; por que, afinal, eu deveria ter temor de afirmar meu desejo de trazer ao mundo uma espécie de olhar feminista antizaratustra?

Porque, diria o Deus, Nietzsche era iluminado pelo Saber, com “s” maiúsculo, o saber do super-homem. E “Tu és poeira em alto mar”, responderiam (rindo alegremente) o meu amor e seus amigos pescadores, pedreiros e marceneiros. “Tu serás lida sem atenção e respeito; lerão correndo, porque ninguém tem mais tempo para nada, muito menos para ler de forma dedicada um texto menos potente”, diria o Deus.

Neste exato momento do diálogo com Deus e os cientistas, talvez a resposta filosófica e política ideal viesse a ser: “Não vou me

explicar, vão encher a paciência de seus alunos ou de crentes”. E, reconsiderando, compassiva: “Me deixem em paz, com essa minha insignificância, essa minha impossibilidade de falar qualquer coisa que possa ser ouvida atentamente. Esse meu pensamento insólito e obscuro. Essa incompetência abissal que me faz nascer Nietzsche, nascer para uma interpretação feminina sobre o trágico, o único modo que tive para entender o Lula e a Dilma dentro da minha história, dentro do meu país”.

Este é um livro e eu não estou louca. Somos testemunhas de tempos sem donos e inundados pela insensatez de deuses enfurcados, essa é a verdade, e que geram a impressão de que cenas de proliferação discursiva caótica e dominante estão virando um gigantesco cenário de lixões de escrita. Leitores comuns, apartados de feudos de intelectuais profissionais, estão confusos e fartos de tanta incerteza, o que os faz ler mais os amigos, vez ou outra uma escritura antiga e cultuada, tentando entender o pensamento dos que lhes são mais próximos.

Linguagens marginais proliferam de modos reincidentes e já não causam mais medo aos donos dos grandes discursos permitidos. Eles boiam sobre esse mar de falas e escritas abandonadas e desimportantes, os grandes discursos boiando como transatlânticos, passando lindos e iluminados, indiferentes ao fato evidente de que a ideia de pensamento universal se desmancha. A plebe escreve mais ou menos mal, em maior ou menor medida, e os escritos originados no navegar dos transatlânticos são adequadamente tecidos em túnicas padronizadas como as fantasias dos grandes blocos do carnaval de rua na Bahia, os abadás.

Talvez eu esteja na categoria dos que andam publicando para os amigos e à família, quem sabe... Para esses leitores fiéis, ao menos aparentemente, podemos escrever qualquer ideia gaguejada que eles vão dizer: “parabéns!”. E vão pular estrelinhas e balões coloridos no Facebook.

A verdade é que a maioria dos humanos que sabe ler e escrever textos não está acreditando em quase nada do que é dito pelos que têm o controle de vastos conhecimentos, cálculos, pesquisas e estatísticas sobre todo o mundo em todos os tempos. Tudo acon-

tece como se houvesse um gigantesco deus ex-máquina e que comandasse o mundo “com rédeas curtas”, como no dito apreçoado pelas mulheres da minha linhagem materna. Se minhas cinzas não fossem encomendadas para voarem na brisa da lagoa, se eu fosse ter um túmulo, nele estaria escrito: “Aqui jaz uma mulher que foi obrigada a entender e perdoar o deus ex-máquina”.

Nós estamos com medo de mergulhar em pesadelos parecidos com o do Haiti devastado pelos terremotos, pelas epidemias e pela miséria. Estamos com medo de virar uma Síria das maternidades bombardeadas. Este livro também é uma seleção de tentativas de ver e descrever onde estiveram os corpos e os rostos do meu tempo. O fato de que esta obra tenha sido, ao final, sobreposta em uma árvore da vida da Cabala mergulha no campo dos acontecimentos de significado indecível, por isso me sinto Nietzsche, sem ter que dar a menor explicação aos cientistas.

Para muitos, já voltamos aos tempos das cavernas, em que grupos se empilhavam em frente a um fogo para passar menos frio. Nós, humanos, estamos a nos reconhecer como espécie impotente e apavorada. A multidão vê um fim de mundo e tenta fazer o menor movimento possível, porque a água já está perto do nariz. Diante disso, eu posso ser Nietzsche, como uma negra jovem e gorda que apareceu andando nua com um véu de tule branco enrolado na cabeça, caindo sobre o rosto. Isso foi em Porto Alegre, a minha cidade natal. A jovem negra nua era uma incorporação de antigas deusas-mães de dez ou sete mil anos atrás, creio. Ser Nietzsche faz parte de um direito inalienável de achar; de querer encontrar os outros para tentar ter um rosto.

Cor-de-mel

A história deste livro começou quando expus, a um psiquiatra e psicanalista de mais de 70 anos, meu desejo de escrever cartas para uma tataravó, Zeferina Vieira Rodrigues. Era um homem renomado, disposto a ser, para mim, um referencial paterno saudável e justo. Ele desaconselhou a referência da destinatária escolhida, uma morta, e eu fiquei com medo que fosse arriscado mexer com entranhas, cavar buracos intermináveis. Receosa, obediente, desisti.

Zeferina foi uma mulher dona de vida desgraçada, difícil demais para as moças certinhas de hoje, mas normal em 1880, quando ela viveu uma parte de seu período fértil, no qual teve dez filhos vivos. O único registro que me alcançou foi seu nome em uma certidão de nascimento da vó Nair, nada mais. Ela era um tipo de escrava, mas sem comprovante de compra e venda, sem registro. Não tenho fotos, nenhuma imagem dela, nenhuma descrição física oriunda de memórias das mulheres da família. Poderia ser uma grande fraqueza o relato sobre essa minha antepassada sem rosto, sugerindo sua presença limitada a uma espécie de arquétipo impreciso, fugidio, dentro de mim. Uma sensação apenas. É como contaram a história da família: o ser da Zeferina passava, assim, voando, como uma gaivota longínqua. Magicamente, aquele desejo verbalizado em 2000 acabou se transformando em trabalho árduo, de vários anos e muitos escritos.

Provavelmente, Zeferina foi uma mulher negra já mestiça, não mais pertencente a uma etnia definida em território africano, não uma filha de escravos negros, mas isso pode ser uma fantasia minha pelo desejo de dar valor ao brasileiro misturado, enigmático em qualquer idealização. Pode ter sido uma negra pura, nascida de ventre livre, mas só se fosse muito linda, creio, porque um branco poderoso só teria dez filhos com uma negra pura se ela fosse dona de um rosto muito vivo, porque muito digno. Sendo este o caso, Zeferina teria sido uma individualidade incomum.

Imagino uma personalidade menos icônica do que Chica da Silva. Vejo-a com uma pele cor-de-mel, a aparência afável, cordata. Uma fêmea de ancas largas, ombros mais estreitos que o quadril, mas retos e fortes, braços com boa musculatura, desenvoltos em seus movimentos amplos de mulher acostumada a carregar tudo pela casa: pesos, filhos, cestos, rápida ao lavar o chão, ajoelhada, esfregando escovas em meio a muita água e sabão caseiro. Pernas grossas, tornozelo também grossos, pés quadrados e espaçosos, coxas tão fartas e duras quanto suas nádegas, seios redondos e cheios, mulher gostosa e parideira.

Um olhar doce, delicado, cheio de brilhos e delicadezas travessas, olhos sorridentes, porém guardando uma inevitável ausên-

cia, no interior da pupila, própria daqueles que obedecem demais, o tempo inteiro. Braba e decidida perante os menores, os filhos, as amigas e vizinhas mais frágeis e menos favorecidas em graça e esperteza; reservada e esteticamente servil perante o macho, o senhor, pai dos filhos, o provedor.

Que graças possuía, quais inteligências? Será que era sensível a sutilezas de pensamentos? Não sei, não pude imaginar esses detalhes, mas não consigo pensar em uma mulher sem estudo, com dez filhos, sendo concubina – de um homem importante – em uma nação escravista, sendo tão irreverente e espaçosa como eu. Tinha que ser mais “recatada e do lar”, ainda que de modo dissimulado. Caso tenha sido filha de ventre livre, sob a lei de 1871, prevendo o nascimento de bebês “ingênuos”, foi filha de escravos.

Acredito terem existido muitos brasileiros escravos sem registro, naquele tempo de extinção do modo formal e oficial de aprisionar humanos. Creio que havia uma maioria de pessoas humilhadas e sem mínimos direitos de personalidade, mas sem registro de compra e venda, na altura da segunda metade do século XIX, no Brasil. Mais tarde, no final do século XX, predominou a ideia de que escravos eram humanos muito empobrecidos e aprisionados em cativeiros privados, sem o mínimo de dignidade e segurança física e emocional. No entanto, no início do século seguinte, mais propriamente no momento em que houve o golpe sobre a primeira presidente do Brasil, Dilma Rousseff, alguns setores da inteligência nacional começaram a entender que o tema do escravismo era muito complexo e cheio de facetas, variações dentro de um caleidoscópio não redutível a simplificações grosseiras.

Náufraga

O velho psicanalista achou que era perigoso, que eu poderia enlouquecer escrevendo para uma morta; eu tinha chegado lá em seu consultório pedindo socorro, com medo até de chorar. No entanto, quinze anos depois, quando tudo o que poderia nos assustar estava acontecendo, no Brasil e no mundo, tudo tão transtornado,

esquizofrenias de esquerda e de direita, públicas e notórias, achei que era a hora. Surgira um entendimento sobre como escrever partindo de uma espécie de *competência de linhagem*, ou seja, o direito de escrever as memórias adquiridas no interior de uma história de família, a partir de um conjunto de lembranças paradoxais e sussurradas. Dei-me o direito de escrever sobre a história do Brasil.

Entre desejar e dar-se um direito vai um mar de impedimentos consagrados. Não há nada mais erótico do que dar-se um direito, entrar em um território consagrado.

Falar com os mortos ou escrever dirigindo-se a um antepassado são atitudes entendidas como loucas, sobretudo para quem vive dentro da ontologia ocidental europeia moderna, como era o caso daquele velho psicanalista. Eduardo Viveiros de Castro (2015) diz: “Em suma, o etnocentrismo é, como o bom senso – do qual seja talvez apenas a expressão aperceptiva –, a coisa mais bem compartilhada”. Eduardo cita Roy Wagner, outro antropólogo:

Em poucas palavras, a práxis europeia consiste em “fazer almas” (e diferenciar culturas) a partir de um fundo corporal-material dado (a natureza); a práxis indígena, em “fazer corpos” (e diferenciar espécies) a partir de um *continuum* socioespiritual dado “desde sempre” – no mito, precisamente, como veremos.

Viveiros de Castro (2015), autor da ideia de multinaturalismo ontológico (muitas naturezas distintas, singulares, em um mesmo *continuum* real), diz:

A etnografia da América indígena contém um tesouro de referências a uma teoria cosmopolítica que imagina um universo povoado por diferentes tipos de agências ou agentes subjetivos, humanos como não humanos – os deuses, os animais, os mortos, as plantas, os fenômenos meteorológicos, muitas vezes também os objetos e os artefatos –, todos providos de um mesmo conjunto básico de disposições perceptivas, apetitivas e cognitivas, ou, em poucas palavras, de uma “alma” semelhante.

Sobre entrar em contato com mortos, este mesmo autor, renomado etnólogo brasileiro, professor titular ou visitante em univer-

sidades do Brasil, Europa e Estados Unidos descreve o perspecti-
vismo ameríndio:

O modo como os humanos veem os animais, os espíritos e outros personagens cósmicos é profundamente diferente do modo como esses seres os veem e se veem. Tipicamente – esta tautologia é como o grau zero do perspectivismo –, os humanos, em condições normais, veem os humanos como humanos e os animais como animais; quanto aos espíritos, ver esses seres usualmente invisíveis é um signo seguro de que as “condições” não são normais (doença, transe e outros estados alterados de consciência)¹.

Minha avó, a neta da Zeferina, morreu por causa do Alzheimer, aos 65 anos, perdida, na noite, em um lugar estranho, no meio de uma chuarada, tentando atravessar uma rua. Já uma antepassada da árvore genealógica do meu avô passou o fim da vida em um hospício, no tempo em que essas enormes construções foram inventadas. Imagino que se internava qualquer uma, por “dá cá aquela palha”, e ficava por isso. Deve ter sido por volta de 1910, fazia pouco mais de vinte anos do fim legal da escravidão negra, no Brasil.

Hoje, a maioria dos seres humanos habitantes do planeta Terra parece estar à deriva, grupos e subgrupos separados por diferentes naturezas, desde uma universalidade desaparecida. Resta saudade de um mito moderno dos *direitos iguais para humanos iguais*, direitos de espécie não mais existentes. Comunidades e tribos inteiras parecem estar enlouquecendo, homens derrotados desejando a violência contra as mulheres como modelo a ser seguido cotidianamente, e as diferentes minorias, gerentes do esquema todo, as pessoas temem que sejam perigosas para elas próprias e para os outros, ou que não tenham o menor controle da situação. Escrevo um caderno de anotações de uma naufraga, uma refugiada.

Sequestraram cerca de trinta hóspedes de um hotel, sei lá onde, no Brasil, neste dia deste texto específico, em 2016, já depois do golpe sobre Dilma. Massacres em presídios ocorreram alguns dias antes, em uma segunda ou terça-feira. Há uma guerra, e ela está

¹ Viveiros de Castro, Eduardo. 2015, p. 35-45.

migrando para fora dos presídios. Na Europa estão morrendo refugiados de frio, acampados em barracas molhadas, expostos a temperaturas de 19 graus negativos. É possível fazer uma lista de horrores acontecendo. As pessoas estão apáticas, depois meigas demais, depois desesperadas ou raivosas. A loucura, em tese, parece estar sendo um problema de grandes proporções, envolvendo *todo o mundo*.

Fiz uma colcha de crochê para meu neto. Demorei mais de dois anos tecendo aquela profusão de quadradinhos desiguais e cheios de enigmas embutidos. Toda ela inventada, cheia de letras do nome dele, escondidas: são charadas para emocioná-lo quando for maior, se é que a colcha vai sobreviver até lá. Este livro também é uma colagem de fragmentos de memórias, invenções conceituais minhas e de autores em níveis diferentes de reconhecimento social e político; uma soma de certa “profusão de quadradinhos desiguais e cheios de enigmas embutidos”. Um livro sobre Zeferina e suas descendentes, sobre as mulheres brasileiras e suas crianças, suas casas, suas cidades açodadas por governos e grandes acontecimentos. Aqui, os homens aparecem apenas quando suas presenças tornam-se imprescindíveis, para esclarecer, consolar ou proteger.